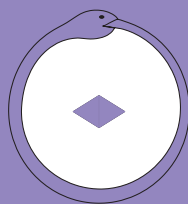
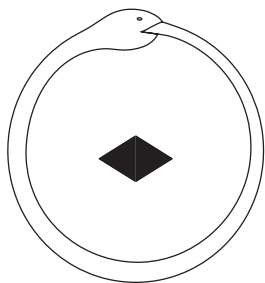


A LAGARTA E A BORBOLETA

Emanuele Coccia



cadernos
SELVAGEM



A LAGARTA E A BORBOLETA

Emanuele Coccia

Transcrição e tradução de Irma Caputo da vídeo-entrevista realizada no Orto Botanico di Roma pelo jornalista Damiano Fedeli, em 2 de agosto de 2020, para o pré-lançamento de *Metamorfoses*.

METAMORFOSES

O ensaio que saiu na França – no mesmo dia do *lockdown* – e que sai agora no Brasil, parte de uma constatação bem trivial, que é o encanto que cada um de nós já experimentou diante da transformação da lagarta em borboleta.

E esse fenômeno me parecia interessante, porque se trata de dois corpos, a lagarta e a borboleta, que não compartilham nada nem de um ponto de vista anatômico, nem de um ponto de vista ecológico, nem de um ponto de vista etológico.

No fundo, a lagarta e a borboleta têm duas silhuetas completamente distintas. Têm duas formas de vida completamente distintas.

A lagarta é um amontoado de tubos digestivos apoiados nas patas de um inseto; a borboleta, ao contrário, é uma máquina de fazer sexo. A primeira entende a natureza como um gigantesco McDonald's onde tem à disposição tudo o que deseja para comer. A segunda, por sua vez, considera a natureza como um enorme espaço satírico e erótico. Trata-se então de dois *ethos* completamente diferentes, além de serem dois mundos completamente diferentes.

A lagarta mora em um mundo terrestre, enquanto a borboleta em um mundo aéreo. Apesar dessa diferença moral, cosmológica ou ecológica e até anatômica, trata-se do mesmo ser e isso já é interessante, porque significa que uma vida nunca é reconduzível a uma identidade anatômica ou a uma identidade moral.

Estamos acostumados a pensar que o ser é algo que podemos contornar em uma forma de vida, um *ethos*, um caráter, enquanto a lagarta e a borboleta nos mostram que não é bem assim que funciona. Também do ponto de vista do *ethos*, a vida passa facilmente de uma forma para outra

e nunca é reconduzível a um mesmo mundo – no fundo, no processo de metamorfose dos insetos, se passa de um mundo para o outro e a vida é o que permite a junção desses dois mundos.

A tese do livro é que essa mesma relação que junta um ser através de dois corpos, duas formas de vida, dois mundos distintos, é a relação que existe entre todos os indivíduos de uma espécie, todas as espécies entre elas e todas as espécies da terra onde moramos.

Em que sentido? A ideia é de que há uma continuidade absoluta entre todos os indivíduos que pertencem à mesma espécie e a prova disso é aquela metamorfose que cada um de nós atravessou com o nascimento; nascer significa se apropriar de um corpo, na verdade de dois corpos que já viveram, ou seja, o corpo da nossa mãe e a carne da nossa mãe e do nosso pai, e submetê-la a uma segunda vez, fazê-la viver novamente, cada um de nós não é nada mais nada menos que uma enorme reciclagem genética e também anatômica.

O nosso corpo já viveu e ele é muito mais antigo que a nossa mesma idade.

Nossa carne tem pelo menos tantos anos quanto tinha a nossa mãe quando fomos concebidos, mas como também a nossa mãe era a carne de um corpo que já viveu...

Parece existir uma continuidade entre os seres vivos que pertencem à mesma espécie, através do nascimento. Existe essa mesma relação entre todas as espécies e é aquilo que Darwin mostrou através da teoria da evolução. A teoria da evolução nos diz que todas as espécies estão ligadas por uma relação metamórfica, cada espécie é a metamorfose de uma outra que a antecedeu.

BRICOLAGEM DE TODAS AS FORMAS DE VIDA

Nesse ensaio, como no anterior, a estratégia foi pegar quase literalmente o que Darwin, a biologia ou a ciência afirmam e levar às últimas consequências.

A hipótese é que muitas vezes a ciência contemporânea pressupõe quase que visões ou cosmologias que são muito mais surrealistas ou imaginativas, imaginárias e imaginíficas, se comparadas com as cosmologias

amazônicas ou as cosmologias implícitas nas grandes religiões mundiais.

A ideia é pegar ao pé da letra o que a ciência propõe e tentar captar o estatuto metafísico que isso tem. Por exemplo, no caso da teoria da evolução a ideia era: se cada espécie é uma metamorfose de uma espécie anterior, isso significa que cada espécie é um enorme *patchwork* de formas e espécies que a antecederam e que virão depois.

Isso fica muito evidente no nosso DNA, porque sabemos que o nosso DNA é uma bricolagem de vários pedaços que provêm de todas as formas de vida que tiveram que ser atravessadas e construídas antes de se tornarem humanas, e muitas vezes também de formas laterais, porque através da transferência genética lateral há pedaços que entraram graças aos vírus e assim por diante...

Isso fica claro toda vez que a gente se olha no espelho, por exemplo. Não há nada de exclusivamente humano no fato de termos olhos, de termos um nariz ou as orelhas.

Compartilhamos todos esses traços com milhares de outras espécies.

Quer dizer que o nosso corpo já nos dá acesso a uma vida que só em parte é humana, que já se configura como multiespecífica. Nós somos como uma espécie de zoológico ambulante. Nós mesmos já somos biodiversidade.

Ainda antes de a gente se relacionar com uma árvore de peras ou maçãs, um cachorro ou um gato, já somos um conjunto de formas que viveram antes. Porque a genética é isso, metamorfose.

A evolução da espécie é isso, significa que quase tudo aquilo que temos dentro de nós, já foi experimentado milhares de vezes, e que agora vive uma segunda, terceira, quarta, milésima vida e se abre a transformações futuras.

NASCIMENTO E MORTE

Existem muitas resistências em relação à ideia de que cada vida que trazemos conosco seja uma vida que começou bem antes do nascimento do nosso corpo e vai acabar muito tempo depois da morte desse mesmo corpo. Essas resistências, muitas vezes, não são ligadas a questões de ordem científica, mas sim de ordem religiosa e às vezes, mais simplesmente, de ordem social.

Antes eu estava falando de nascimento, o que, do ponto de vista biológico, é a evidência de que a vida que anima o nosso corpo começou bem antes do momento em que o nosso corpo começou a viver. Nós somos uma carne que já viveu, somos um código genético que já deu forma a outras vidas e a resistência, que persiste diante dessa evidência, está ligada mais ao fato de que a nossa cultura se concentrou muito mais na morte do que no nascimento.

Se compararmos a quantidade de filmes ou obras, também de cunho científico, e romances dedicados à morte com os dedicados ao nascimento, não tem comparação e isso, evidentemente, está ligado ao fato de que somos uma cultura feita de machos para machos, e que negligenciou esse estranhíssimo fenômeno que é dar a vida a outros corpos.

SER COMIDA

Com relação à questão de nutrir uma vida que é uma vida outra e que vai viver apesar do fim do nosso corpo — depois da morte do nosso corpo — tem uma história de uma naturalista e ecologista australiana, Val Plumwood, que foi atacada por um jacaré durante uma viagem de caiaque num rio, na Austrália, e em vez de reagir normalmente como faria qualquer um de nós, ou seja, ficando simplesmente apavorada com a morte, diante da possibilidade de se tornar comida para bicho, teve o reflexo de dizer para ela mesma, mas aquilo que estou vivendo é surreal, não é absolutamente possível, esse jacaré está infringindo as regras da natureza, porque é impossível que um homem possa se tornar comida para os bichos. Val Plumwood interpretou essa reação como uma resistência metafísica à ideia de que a nossa vida possa se transformar na vida de outro alguém. Porque ser comido por alguém significa que a própria vida pode gerar tanto a espécie humana, quanto a espécie de um jacaré e para isso ainda persiste uma resistência de ordem metafísica e religiosa, mais do que social e cultural.

SENSIBILIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Eu sou otimista, no sentido que essa consciência de pertencermos a uma vida maior ou de sermos atravessados por uma vida que começou

em outro lugar e que em outro lugar vai acabar, se considerarmos do ponto de vista histórico, em termos de uma história de longa duração, de fato é uma ideia que acabou de surgir.

Porque é a partir dos anos 70 que nasceu aquilo que definimos como o despertar da consciência ecológica. Depois de uma literatura que começou a alertar, passamos objetivamente de uma questão que era objeto de debate de círculos muito limitados, especialmente no âmbito da ciência, para questões debatidas por todo o mundo, estudadas no cotidiano e na faculdade.

Eu dou aula de história de ecologia na faculdade de Science Po, que é onde se forma a classe política francesa, e o fenômeno Greta Thunberg mostrou como na realidade, essas são questões que animam e que são muito caras aos jovens. Então é verdade que de um ponto de vista dos costumes é ainda tudo difícil, ainda temos que impulsionar a mudança. Mas, também é verdade que só passaram cinquenta anos, sessenta anos desde a primeira formulação de certas ideias e é normal que ainda seja necessário um tempo para mudar radicalmente os hábitos.

Acredito que mais do que confiar numa sensibilização em constante aumento, sejam necessárias medidas jurídicas fortes. Eu fiquei muito impressionado com a medida tomada uns dez anos atrás, sobre o direito de fumar nos espaços públicos, essa foi para mim uma experiência impressionante, porque de um dia para o outro um continente inteiro, no intervalo de 24 horas, mudou radicalmente seus hábitos.

Alguns diziam será impossível, não vai dar certo. Ainda assim, hoje vivemos em um mundo no qual parece um absurdo que se possa fumar nos restaurantes, nos vagões de um trem ou no avião. Só foi suficiente uma medida, uma lei para mudar radicalmente a mentalidade e os hábitos. Na minha opinião, mais do que uma sensibilização cultural é necessário passar pelas leis. O direito é o instrumento mais rápido que temos para modificar o mundo, porque não precisamos mudar a mentalidade e é a mudança de costumes que vai mudar a mentalidade e não o contrário.

UMA NOVA METAFÍSICA DO VERDE

Ocorreu uma transformação profunda na Botânica dos últimos cinquenta, sessenta anos, que está ligada à transformação interna à Biologia,

isto é, ao fato de que a Biologia, a partir dos anos 60, desde que Lynn Margulis reafirmou que a célula eucariótica, na base de qualquer forma de organização superior, nasceu por simbiose e não por competição, não pelo mecanismo de guerra de todos contra todos que Darwin achava ser o mecanismo chave da evolução da espécie.

É a partir daí que a botânica voltou a nascer. A partir do momento em que se reconheceu que a simbiose, a cooperação, a interação – entre aspas, pacíficas dos viventes – são muito mais importantes na história da vida do planeta do que a competição e a guerra; que as plantas – que são esses seres que, na qualidade de organismos autótrofos, não precisam matar um outro ser vivente para poder viver – assumiram um papel epistemológico mais importante. Aliás, houve também uma revolução interna à Botânica porque apareceram figuras como a de Stefano Mancuso na Itália, Francis Hallé na França, Anthony Trewavas na Inglaterra, que transformaram essa ciência que, entre as outras, era tratada como a Cinderela. Ela estava um pouco perdida na classificação da diversidade vegetal e conseguiram fazer dela uma espécie de nova metafísica alternativa do verde.

As pesquisas de Stefano revolucionaram a própria ideia de inteligência, porque afirmar que as plantas são inteligentes não só significa reconhecer um outro estatuto a esses seres viventes que nos pareciam serem viventes de nível inferior ou de alguma maneira menos viventes que outros. Significa também nos obrigar a revolucionar a própria ideia de inteligência, porque se as plantas são inteligentes, isso quer dizer que a inteligência não tem nada a ver com a presença de um cérebro, não tem nada a ver com a neurociência, nem com a percepção, mas é algo que investe ou pode investir o corpo inteiro, não só um órgão, mas a totalidade da existência corpórea, por exemplo.

PANDEMIA E NARCISISMO

Desse ponto de vista o estudo das plantas acabou sendo muito mais importante do que o estudo da Zoologia, também para nos tornar mais sensíveis a essa ideia de interconexão de tudo com todos; agora, por exemplo, os cogumelos e as bactérias são as novas fronteiras para entender em

que sentido a vida e a potência da vida não estão ligadas às qualidades anatômicas e fisiológicas dos viventes. É um dos grandes aprendizados dessa pandemia, se pensarmos de um ponto de vista mais filosófico, de uma reflexão comum. As coisas mais interessantes foram duas: primeiramente o fato de que a chegada do vírus tirou o ser humano dessa espécie de narcisismo negativo, no qual nos havíamos encerrado nos últimos dez anos. Passamos do narcisismo de quem se coloca no topo da criação, o homem como a mais sublime das criaturas terrestres, para o narcisismo negativo de quem pretende estar no vértice da destruição, o homem como a mais destrutiva das espécies, a mais perigosa. Tratava-se então de uma forma de contemplação da própria excepcionalidade e a chegada dessa criatura minúscula, capaz de ameaçar a vida da espécie ou da civilização tecnologicamente mais avançada na história da nossa espécie, nos disse que não, que na realidade a destruição é uma potência distribuída de forma extremamente generosa na natureza e especialmente independente de qualidades anatômicas e cerebrais. Não é preciso ser grande e forte, ter um cérebro, para gerar efeitos incríveis no planeta.

É essa a chave da vida, os viventes produzem efeitos que não estão ligados de forma proporcional à sua dimensão, ao seu tamanho, às suas qualidades anatômicas, à sua fisiologia. A vida é isso, o fato de que existe uma disparidade incrível entre causa e efeitos.

BRASIL

Tenho uma relação muito particular com o Brasil, o meu primeiro livro *A vida sensível* (Cutura e Barbárie, 2010), que escrevi dez anos atrás, foi lançado em primeira edição mundial no Brasil, depois na França, por fim na Itália, por acaso e graças à generosidade de alguns amigos. Portanto, é uma nação, ou melhor uma cultura, com a qual tenho uma relação profunda e duradoura de amizade. Também, e especialmente, para esses últimos trabalhos ligados a temáticas mais ecológicas e biológicas, com certeza a cultura brasileira é uma cultura muito mais rica e à vanguarda, se comparada com as tradições europeias ou americanas, por pelo menos duas razões. Primeiramente porque é uma cultura que se abriu muito cedo à troca com outras formas de culturas autóctones e que foi capaz de

reconhecer a verdade dos argumentos que essas culturas veiculavam. Penso, por exemplo, no trabalho de Bruce Albert com Davi Kopenawa e à potência que nesse caso teve a pesquisa antropológica no reconhecimento de que todas as espécies são dotadas de uma forma de autoconsciência. Ou ainda os trabalhos do Eduardo Viveiros de Castro. Existe uma riqueza no Brasil, quase uma biodiversidade cultural, hoje em dia completamente ausente dos estados europeus. Depois há uma questão de fato, concreta. Como dizer, o Rio é uma cidade com um magnetismo especial, mas que também tem uma história pela qual a oposição entre natureza e cultura, que é um pouco o traço de qualquer tipo de experiência urbana europeia, é quase impossível. Rio é uma cidade deitada ao mar, mas que no seu interior tem florestas quase impossíveis de se achar na Europa, florestas de uma força, — que na verdade são artificiais, cultivadas —, que retomaram quase por inteiro o seu direito de dar forma à paisagem.

Então existe – pelo menos, sempre senti assim – essa consciência de que estar em um lugar significa negociar o próprio direito a dar uma forma para aquele lugar com milhares de outras espécies, a consciência de nunca podermos nos considerar os senhores absolutos, os arquitetos e paisagistas de um lugar. Sempre é preciso negociar com os outros paisagistas daquele lugar que não têm um rosto humano.

FUTURO POSSÍVEL

A ecologia e o conjunto de reflexões, que são de alguma maneira ligadas a essa corrente, a essa ciência, são o único futuro possível porque é a única dimensão que pode reivindicar uma forma de universalismo absoluto. No fundo, para além de qualquer tipo de divisão – homem e mulher, negros e brancos, europeus e não europeus –, o fato de sermos cidadãos de um único planeta é algo que vem antes de qualquer outra determinação possível. Então, se afirmar como parte de uma vida planetária significa tornar acessória ou secundária o restante das determinações identitárias, e também porque reflexões desse tipo ajudam a entender que a identidade até quando específica, biológica, ela é sempre um mosaico, um *patchwork*, uma mistura, um mestiçagem de identidades anteriores.

Levar a sério Darwin significa levar seriamente o fato de que até a humanidade é uma forma estranha de *patchwork* efêmero que no seu interior possui traços e identidades distintas. Significa considerar seriamente o evento do nascimento, o fato de que a nossa identidade já é uma repetição de pelo menos duas vidas que nos antecederam, do ponto de vista biológico é uma mistura. No fundo, na natureza tudo é bastardo. É já tudo impuro, qualquer reivindicação de uma identidade forte, real, ontológica é, de alguma maneira, impossível. Parece-me que este é o único caminho possível para redescobrirmos um terreno comum de entendimento e acordo político.

ANTES ALGO NÃO EXISTIA

Nós somos muito condicionados por uma ideia de técnica, que vê a tecnologia como uma potência, como um complemento extra-anatômico que compensa alguma falta física, anatômica. Esse mito platônico de que todas as espécies animais possuem potências inatas de defesa, de corrida, de ataque, de guerra, e o homem, ao contrário, seria uma espécie nua e que por isso tem a linguagem e a tecnologia que lhe permitem suprir essas faltas físicas e fisiológicas. É um mito que atravessou quase toda a história da cultura, e que foi incentivado pelo próprio cristianismo, e que voltou com força na cultura alemã do 1800 e 1900. Essa é a ideia que anima todas as reflexões sobre mídias, que se reflete naquilo que MacLuhan via nas mídias, como extensões do corpo do ser humano. É uma ideia muito instigante, mas é um pouco narcisista porque faz da técnica um instrumento de humanização do mundo. Narcisista especialmente porque atribui só ao homem a capacidade de manipulação arbitrária, voluntária e contingente do real.

Quando na verdade todas as espécies viventes operam de forma consciente para transformar o mundo ao seu redor, para readaptá-lo à sua existência. Dos vermes até às plantas, na verdade, estar vivos implica modificar radicalmente o espaço ao redor e fazer com que esse espaço seja habitável, enquanto antes não era. Essa extensão da técnica a todas as espécies é importante porque nos faz entender que qualquer espaço natural é um artefato, é um espaço artificial. Toda a vez que entramos num espaço como esse, que possui uma aparência absoluta de

naturalidade, na verdade estamos entrando num espaço no qual cada vivente modelou a realidade ao seu redor e negocia todo o dia com as outras espécies a forma do mundo no qual está vivendo. Portanto, nós também temos que aprender a reconhecer que o espaço em que vivemos é um espaço artificial e que precisamos negociar essa paisagem com as outras espécies e que tudo é um artefato. Também o ar que respiramos não é natural, é produzido por milhões de plantas que têm bactérias que emitem cotidianamente oxigênio na atmosfera, e que a tornam habitável para nós.

A “natureza” é para nós como um enorme laboratório tecnológico, não só porque os seres vivos modificam a realidade ao seu redor, mas porque também continuam modificando a si mesmos. O que nós chamamos de sexo, por exemplo, que é essa fantástica invenção segundo a qual a reprodução de um indivíduo passa através de uma manipulação artificial contingente da sua identidade através da junção de dois patrimônios genéticos distintos. Essa também é uma forma de remontagem técnica, ou seja, contingente e arbitrária da identidade. Isso então significa que também nossas identidades são artefatos, são artificiais. É verdade, para ser criado, tive que passar por uma espécie de manipulação de um código genético que passa por processos particulares e que me torna um artefato, algo que antes não existia, algo com uma existência instável. Eu não vou poder prolongar a minha existência ao infinito, assim como cada artefato também não vai poder.

Deveríamos, portanto, pensar novamente o que é técnica. E me parece esse o ponto mais inovador dessa ideia, o fato de que a técnica não se oponha à natureza, mas seja algo que os vivos utilizam para estreitar relações com outras espécies. Esse é o legado mais importante das transformações técnicas que temos que afirmar. A técnica não é uma guerra contra a natureza e também não pode ser uma tentativa de assumir uma soberania sobre outras vidas. Ela é sempre o espaço, a forma mais rápida para estabelecer um diálogo com outras espécies diferentes das nossas.

SER INTERGERACIONAL

Eu acho que deveríamos abandonar a ideia de geração, que é bem curiosa. Ela teve um sentido próprio a partir do romantismo, quando se

começou a pensar que os mais jovens, dentro da sociedade, tinham o papel de agentes da transformação cultural, política e social. Essa convicção perdurou durante pelo menos duzentos anos. Agora já não é mais assim, nem vai mais poder ser assim. Não podemos e não temos mais que esperar que caiba aos jovens, os que nasceram depois de nós, os mais novos, transformar radicalmente o mundo. A ideia de geração é em si uma ideia bastante fascista. A ideia de que existam umas verdades compartilhadas, só em função do compartilhamento de uma época de nascimento. Essa ideia de geração é um pouco como a de dialeto, de jargão, pois pressupõe verdades linguísticas ou ligadas a um sentido de pertencimento a um dado lugar, ou ainda verdades ligadas à condição de pertencimento a uma profissão e que são esotéricas, porque não são compartilháveis com os outros. Essa ideia me parece não só boba, mas também muito perigosa. Talvez o que você diz, que eu não sou *millennial*, mas apesar disso posso ser associado a eles, significa que algo em mim não corresponde de nenhuma maneira à minha geração e talvez essa seja a realidade de todos.

Biologicamente, o nosso corpo é composto por peças que provêm de gerações de épocas distintas. Do ponto de vista genético, há pedaços de mim que provêm da minha mãe ou do meu avô e há pedaços juntados de última hora, como um balde japonês que tem peças muito antigas e algumas recentíssimas. Sou, então, intergeracional, e também intercultural, porque misturo continuamente elementos que chegam da minha filha com formas culturais que provêm da Idade Média. Talvez a chave para que algo se torne socialmente compartilhado é essa indiferença, qual é a data de nascimento dessa ideia, qual a época em que essa ideia se formou... E essa parece a melhor experiência que se pode fazer do contato com a natureza, quando se começa a conhecer um pouquinho as árvores, ao entrar num bosque nos damos conta que estamos em um espaço cronologicamente louco, porque não só as árvores e as plantas não têm a mesma idade, mas cada uma das espécie provêm de épocas distintas. Uma floresta, portanto, testemunha essa assincronia fundamental de tudo aquilo que vive e é isso que faz com que uma cultura seja viva, o fato de que um discurso possa incluir dentro de si expressões e palavras que vêm de idades completamente incompatíveis, idades de nascimento e históricas.



Agradecemos imensamente ao Instituto Italiano di Cultura, que apoiou e organizou a vídeo-entrevista, que contou ainda com o apoio do CEPPELL, Centro per il Libro e la Lettura, do Ministério da Cultura da Italia.

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2020

